

JAYME DE MAGALHÃES LIMA

# ELOGIO

DE

## Edmundo de Magalhães Machado

LIDO NA SESSÃO SOLEMNE

DA

### Associação Commercial de Aveiro

Em 4 de agosto de 1900 para commemoração  
do fallecimento  
d'aquelle seu illustre socio

biblioteca



Minerva Central

42 - RUA DOS MERCADORES - 46

AVEIRO

J7868  
JAYME DE MAGALHÃES LIMA

# ELOGIO

DE

Edmundo de Magalhães Machado

LIDO NA SESSÃO SOLEMNE

DA

Associação Commercial de Aveiro

Em 4 de agosto de 1900 para commemoração  
do fallecimento  
d'aquelle seu illustre socio

biblioteca



Minerva Central

42—RUA DOS MERCADORES—46

AVEIRO

bibRIA

CANADIAN LIBRARY  
— EIC —  
(22251 21SET87  
ENTRAB — S.

17868



ELOGIO

DE

Edmundo de Magalhães Machado

**bibRIA**

1856-1899



**bibRIA**



## Edmundo de Magalhães Machado

---

### I

**Q**uando eu era criança, frequentava a casa de meus paes um homem de estatura mediana, robusto e forte, já adeantado em idade, que tinha no seu trajar, marcados d'uma maneira evidente, habitos de economia, d'aceio, de methodo e ordem, ao mesmo tempo que nas suas palavras havia uma moderação, certo sabor d'um reflectido pensamento, que deixava advinhar toda a prudencia d'uma vida experiente.

Esse homem tinha filhos. Referia-se a elles bastas vezes com um carinho e n'uns termos que bem significavam ser aquella a sua preocupação dominante, a sua fé e o seu orgulho, o resumo de toda a sua aspiração. Um dia, alguém, na sua presença, contando as amarguras que a conquista da fortuna lhe custára, teve a insensatez de, n'um desvairado egoismo, exclamar: — «E tudo isto para deixar aos filhos!»

E elle, erguendo-se apoiado na bengala, que quasi sempre o acompanhava porque já estava tremulo e necessitava de apoio, n'um lampejo de colera que um momento turvou a serenidade da sua phisionomia, respondeu-lhe: — « Pois para que o queres tu?! »

Calaram-se todos os assistentes. A discussão, que mal se iniciara, logo terminára por aquella imposição que tinha todo o character dogmatico dos pensamentos que nos vêem do coração. Porque o coração não admite duvidas ou hesitações d'um scepticismo racionalista. Quer e ordena imperativamente, sem fraqueza nem transigencia.

Mais tarde, ha vinte annos, n'uma tarde de inverno, á hora em que o sol baixava, n'esta quietação da natureza que nos induz a concentrar-nos na meditação, aquelle mesmo velho que costumava ir a minha casa, como fosse passeiando a meu lado e com meu pae, parou um instante e, estendendo vagamente os olhos pelos campos humidos e frios, disse: — « E tenho feito um medico! Porque o Edmundo termina o curso este anno. »

Palavras banaes, singelissima expressão do mais singelo pensamento, e todavia gravaram-se-me na lembrança como qualquer cousa extranha. E' que, evidentemente, se as palavras eram vulgares, não o eram certamente os sentimentos que as dictaram, e foram esses que o meu espirito felizmente sentiu e percebeu, foram esses que admirou e, por isso, porque os venerava e eram venerandos, se me fixaram indelevelmente na memoria. Muitas vezes os tenho recordado, e hoje volto a recordal-os com aquelle mesmo carinho que nos dias de magoa ou desalento abrimos os cofres em que se guardam reliquias modestas d'um passado querido que aos nossos olhos significam consolação e conforto.

N'aquella exclamação, aparentemente banal, involvia-se um poema de paciente amor, mais de vinte annos de cuidados e labores incessantes consagrados a crear um filho que honrasse o nome d'aquelles de quem vinha. Foi de certo esse poema que vaga e inconscientemente eu li n'aquelle instante; e foi como captiva da sua nobreza que a minha memoria se lhe conservou fiel.

Esse homem, cujos momentos de tão digna exaltação eu tive a fortuna de presenciar, foi o pae de Edmundo de Magalhães Machado. Não era um ambicioso, não era uma d'essas victimas tão frequentes das vaidades humanas, que vivem para a adoração da sua propria pessoa e que n'esse desatino se consomem. Apetecia mais a obscuridade do que a ostentação, apetecia mais um silencio feliz do que o ephemero ruido da fama. Pois na sua modestia toda a cidade de Aveiro o conheceu e respeitou! Porque era um homem de bem. Haverá virtudes e faculdades que mais fascinem mas nenhuma ha de mais solida e duradoura grandeza que a honestidade. Por isso, quando a possuem, grandes e pequenos se elevam á mesma superior altura e são confundidos no mesmo preito de veneração que a humanidade não sabe recusar-lhes.

Por aquelle mesmo tempo vivia em Aveiro uma familia, hoje ainda muito largamente e honrosamente representada nos seus descendentes, que se distinguia pela fama de actividade, de intelligencia e de honradez. D'essa familia dois homens, particularmente, se mostraram excepçionaes; n'essa qualidade foram apreciados pela geração que nos precedeu e da qual desgraçadamente poucos nos restam para nos illuminarem a estrada com o seu exemplo e o seu conselho. Chamaram-se esses dois homens Bernardo Xavier de Magalhães, character austero, intelligencia

lucida, professor muito propenso a toda a arte litteraria que cultivou com reconhecido talento, poeta, cantando e estremecendo a sua terra, e Bento Xavier de Magalhães, politico, advogado, combinação curiosa e original de vivacidade e de habilidade, que ora captivava pelo espirito, ora dominava pela comprehensão das cousas, e sempre nos seduzia por uma actividade inquieta e multiforme que era o signal mais caracteristico do extraordinario poder das suas faculdades. Vim tarde a este mundo para bem conhecer estes dois homens mas pude ainda reconhecer d'uma maneira evidente o alto apreço em que toda a cidade os teve.

Foi d'esta familia que veio a mãe de Edmundo Machado, D. Maria Casimira Xavier de Magalhães. Não lhe permittia o recato da condição feminil dar publicas provas da sua intelligencia, mas os que trataram com ella tiveram ensejo de se convencerem de que era, em tudo, digna irmã d'aquelles dois homens cujos nomes acabo de apontar.





## II

**A** vida de Edmundo Machado é exteriormente, se assim póde dizer-se, d'uma unidade e d'uma placidez vulgares.

Nasceu em Aveiro a 29 de abril de 1856, aqui passou, com excepção dos breves tempos em que foi alumno interno do Seminario de Coimbra, toda a sua infancia e a maior parte da mocidade, frequentando os cursos de instrucção secundaria que a esse tempo havia n'esta cidade. Matriculou-se depois na Academia Polytechnica do Porto para fazer os estudos e exames preparatorios necessarios á admissão na Escola Medica d'aquella mesma cidade, cujas aulas frequentou e seguiu sem interrupção até 1880, anno em que concluiu os seus trabalhos escolares.

Procurou em seguida a collocação que a sua profissão naturalmente lhe indicava. E' assim que, depois de ter passado em Lisboa quasi todo o inverno de 1880 a 1881, n'este ultimo anno o vamos encontrar em Castello de Vide onde acceitára um partido medico municipal.

Alli, esteve apenas dois annos.

Veio em seguida para o Porto. Primeiro associado n'um consultorio de doenças d'olhos, depois clinico do hospital de Santo Antonio, lá se conservou até 1889.

N'esse anno resolveu voltar a Aveiro. Depois de parar aqui muito breve tempo, foi para Pariz onde frequentou as lições de medicos eminentes como Tarnier, na clinica de partos, o afamado Dujardin-Beaumez, considerado então o primeiro medico francez em clinica therapeutica, Trélat e Tillaux, operadores notaveis, e mais particularmente e mais assiduamente o celebre ophtalmologista Gelezouovski.

De Pariz foi visitar os polders da Normandia que estudou cuidadosamente como antés, na sua passagem por Arcachon, observara as culturas maritimas d'aquella localidade.

Em 1890 veio estabelecer-se definitivamente em Aveiro. Algum tempo fez clinica de doenças d'olhos com a maior felicidade, mas logo começou a consagrar-se a trabalhos d'outra natureza. Dentro em breve, abandonava completamente a medicina, apesar dos rogos e instancias de quantos reconheciam o seu alto valor nas sciencias medicas, e entregava-se completamente a estudos economicos, especialmente de lavoura e piscicultura nos terrenos salgados da nossa ria, considerando-os sempre mais nas suas consequencias para a riqueza e para o interesse publico do que nos beneficios que por ventura podessem trazer á sua riqueza particular.

A ultima vez que o encontrei, foi na manhã do dia 2 de agosto de 1899. Dirigia-se a uma propriedade que possuia nos arredores d'esta cidade, onde iniciára trabalhos de drenagem por processos desconhecidos n'esta região e dos quaes tinha como certos magnificos resultados. Pouco mais de quarenta e oito horas depois que o encontrei, ás dez horas da manhã

de 4 d'agosto, fallecia repentinamente, emquanto na sua sala o esperava um seu amigo, para ajustar as bases d'uma pequena empreza commercial em que estava empenhado.

Se d'alguem se póde dizer que morreu no trabalho, foi d'este desditoso rapaz.

Tal é o aspecto exterior da vida de Edmundo Machado, talvez um pouco inquieto e induzindo por esse facto em suspeitas de que não se trata d'uma existencia vulgar, mas, sem duvida, nas suas linhas geraes, unicas que acabamos de traçar, d'um curso que nada tem de anormal ou de accidentado.

E' que a grandeza da sua vida havia de derivar e derivou, não de grandes feitos, mas da continuidade e da perseverança nas acções apparentemente pequenas; é que a sua existencia estava destinada a illuminar-nos, não por meio de rapidos clarões mas pela persistencia d'uma luz benefica, derramando-se serena, igual, como a dos astros na atmospheria limpida, trazendo á terra, pacificamente e tenazmente, um calor vivificante.



**bibRIA**



### III

**N**ão foi, na verdade, vulgar a vida de Edmundo Machado, como nem sequer era vulgar a sua physionomia.

Baixo, magro, de muito pequena estatura, a côr trigueira do rosto contrastava singularmente com a barba loura e os olhos azues, brilhantes, cheios de vida e mobilidade. A fronte elevada e bella dominava toda a sua figura, imprimindo-lhe caracteres de raça fina e nobre. Quem o via interrogar alguém, adivinhava-lhe immediatamente na penetração do olhar e, em certo modo, no esforço muscular da face, a intelligencia attenta e prescrutadora de que os sentidos eram instrumento.

Habitualmente risonho, parecia ter no contacto dos estranhos um prazer que provinha da pura sympathia com que os acolhia. Podia ter, e tinha algumas vezes, uma bem evidente expressão de seriedade. Nem outra cousa se conformava com a meditação e o estudo. Mas o que desconhecia eram os gestos d'uma repulsiva brutalidade, triste condão da natureza egois-

ta para a qual o espirito alheio é não só indifferente, mas o mais das vezes obstructivo ou antypathico.

Nunca foi um homem physicamente forte. Pelo contrario, parecia d'uma extrema fraqueza. Todavia deliciava-se nos exercicios do corpo, a caça, a nataçãõ, e até mesmo fallava com manifesta saudade dos tempos em que a clinica rural o obrigou a andar a cavallo. N'elle, a actividade e a energia do corpo estavam em manifesta desproporçãõ com o seu volume e estructura. Acompanhei-o muitas vezes. Tive o ensejo de verificar que não era facil em se declarar cansado, a não ser nos ultimos mezes da sua vida em que a doença o obrigava a caminhar muito lentamente, contra o seu costume, pois os seus passos eram habitualmente firmes e ligeiros, d'uma vivaz resoluçãõ.

Talvez a desconfiança, que não uma real pobreza, das suas forças physicas fosse um dos segredos do seu bom aproveitamento. Como não julgava dispôr de muito, poupava, distribuía com methodo; por este modo conseguia o que outros, na presumpçãõ d'uma inexgotavel abundancia, não conseguem, porque um descuidado desperdicio importa prejuizo que a pujança não compensa.

As situações extremas são corruptoras. Corrompe a miseria pelo desespero como a riqueza corrompe pela sensualidade e pelos appetites irreprimidos; corrompe o supremo poder politico pela perda da noçãõ das forças politicas da collectividade, como a escravidãõ corrompe pela extincçãõ da consciencia individual em todas as suas manifestações; corrompe a debilidade physica pela impotencia de todo o esforço capaz de servir a vontade, como a robustez corrompe pelo predominio da animalidade brutal e cruel.

Por isso direi que para Edmundo Machado a exiguidade das suas forças physicas e a exiguidade de meios economicos foram talvez preciosos instru-

mentos da educação do seu espirito e desenvolveram, fizeram germinar e crescer as sementes que uma bem ponderada educação domestica tão prudentemente n'elle havia lançado.

Nem foi muito forte nem muito rico. Sufficientemente robusto para aprêciar os prazeres da actividade physica e dispôr do seu corpo, sufficientemente rico para ignorar a obsessão absorvente de ganhar o pão, a sua vida mantinha-se n'esta linha mediana em que o trabalho e a economia são, além de virtudes, uma necessidade, e em que todo o desregramento é tão proximamente castigado que obriga a uma constante e salutar attenção, disciplinando, creando habitos que acabam por constituir o mais permanente carácter.

Quando estas condições de existencia coincidem com os dotes naturaes d'um espirito elevado, são a melhor garantia de que alcançará plenamente o desenvolvimento fecundo que virtualmente encerra.

biblioteca



**bibRIA**



#### IV

**N**ão posso dizer que conheci Edmundo Machado na sua infancia. Elle estudou em Aveiro, eu muito novo sahi d'aqui e fui para o Minho; enquanto elle frequentou a escola medica do Porto, frequentei eu a Universidade de Coimbra. Encontravamo-nos em Aveiro nas férias, mas, fosse qual fosse a nossa intimidade n'essa epocha, era pouco para poder avaliar com segurança a sua mocidade. Por isso direi que a nossa amizade data apenas de 1880, anno em que ambos concluimos os cursos escolares. Desde então acompanhei de perto a sua vida e, com orgulho o digo, fui dos seus mais intimos amigos.

No inverno de 1880 Edmundo Machado foi para Lisboa.

La tratar da sua collocação como medico no exercito ou em qualquer partido rural, mas logo partiu para alli com intenção de se demorar um pouco mais do que os seus interesses economicos reclamavam. E' de estranhar que este rapaz que tinha passado pelas escolas sempre zeloso, trabalhador, com um brio nunca desmentido, acabando de concluir o seu curso com

distincção e merito reconhecido entre mestres e camaradas, se encontre agora nas ruas da capital, apparentemente ocioso, perdendo tempo pelos museus, pelos theatros, pelas bibliothecas e pelos passeios, na epocha em que outros só procuram febrilmente conquistar a fama e a riqueza. Parecia não ter pressa aquelle mesmo que no seu passado tinha dado signaes de querer ser dos primeiros em qualquer logar que se encontrasse. E agora ahí estava, dispendendo alguns mezes de vida sem a minima anciedade de ser rico ou celebre. Cuidava de encontrar collocação, é certo, e aquella que primeiro encontrou veio-lhe d'estas deligencias; mas, evidentemente, não tinha pressa, não soffria aspiração violenta.

De facto, soffria-a; ignorava-a porém o vulgo, talvez muitos dos que com elle tratavam de perto. A sua descuidada placidez nada indicava, mas interiormente esse homem soffria da paixão de ver, observar, pensar e saber e, exactamente quando parecia nada fazer, educava o seu espirito, alargando-lhe os dominios, entrando no conhecimento d'uma vida social intensa, e principalmente das artes que só em tal atmosphera tem attingido o seu maior desenvolvimento. Soffria, n'uma palavra, as paixões do pensamento e da intelligencia.

Mas não podia parar, não podia quedar-se n'esse estudo que tanto o captivava. Necessidades economicas, por um lado, e por outro o firme proposito de se consagrar á sua profissão, obrigavam-n'o a seguir o seu caminho.

N'esse mesmo anno de 1881, encontramol-o em Castello de Vide, fazendo clinica no hospital d'aquella villa e fóra d'elle com inteira felicidade.

Castello de Vide offerecia-lhe uma situação que a principio se lhe podia afigurar inteiramente accetavel. Dava-lhe uma situação economica prospera, gra-

ças aos seus modestos habitos, tinha os seus livros e os seus doentes para completa satisfação do seu zelo profissional, aprendia e curava, regalava o espirito e o coração, e um momento convenceu-se talvez de que tinha alcançado quanto n'este mundo podia desejar.

A illusão, se a houve, foi breve. Ainda não tinha terminado o anno de 1881 e já elle via o que lhe faltava. Nem bastavam a distrahir-o as caçadas na vastidão d'esse famoso Alemtejo, novas terras, novos habitos, nova exploração para o seu espirito tão ambicioso de actividade e do proprio desenvolvimento.

Passados estes primeiros tempos, a mina, que era estreita, logo se exauriu, e pôde ver plenamente a sua insufficiencia.

Castello de Vide não tinha, de facto, o ambiente intellectual e moral que lhe convinha. Como quasi todas as pequenas villas do nosso paiz, não só carecia d'aquelle commercio intellectual que é proprio unicamente das grandes aglomerações, mas adoecia n'aquelle tempo de enfermidades politicas que a tornavam moralmente incompativel com aquelles cuja alma paira n'uma atmospherã sã.

Edmundo Machado tarde ou cedo tinha de reconhecer que estava fóra das condições proprias do seu character. Embora em junho de 1889 me escrevesse «que não estava descontente», já a esse tempo, com a lucidez habitual do seu espirito, reconhecia o que lhe faltava. A estreiteza de commercio intellectual era manifesta. Dos seus estudos e trabalhos medicos, então sua preocupação dominante, teria de guardar só para si as lições, pois não tinha com quem as discutir e emendar. Consolava-o um pouco a felicidade da sua clinica? E' possivel. Mas este prazer mesmo lhe era cerceado por não ter quem o partilhasse. Estava longe da familia, longe dos amigos, as alegrias seriam apenas para si.

Não é d'este mal, porém, que elle se queixa, embora o presinta sem impaciencia e o lamente sem angustia. O que o magôa e inquieta é uma sociedade enlouquecida com intrigas politicas, em que a isenção e a justiça são virtudes ignoradas, se é que não são fundamentalmente antypathicas.

Depois de me ter mostrado os odios e os rancores que em volta d'elle combatiam, e que em vão procuravam atrahil-o, escrevia-me: « Parece-lhe que uma terra assim pôde servir para satisfazer os meus desejos e para me demorar n'ella muito tempo? Eu creio que não. Nos tempos em que os animos estavam por aqui mais pacificos e emquanto se deram bem, creio que seria uma terra até muito apreciavel, e n'ella poderam viver bem, por muitos annos, homens como o Santos e Silva, José Maria Grande, Jeronymo José de Mello que fizeram aqui o seu primeiro tirocinio clinico. Hoje, porém, que não ha possibilidade alguma de os conciliar, porque de mais a mais as scenas eleitoraes não fazem senão succeder-se a miudo, é difficil a qualquer sustentar-se aqui sem dis-sabor e é penosa esta necessidade de trazer o espirito n'um estado de tensão permanente para não incorrer no desagrado de ninguem. »

N'essa mesma carta dizia-me: « Ainda não lhe fallei do Prado, nome da quinta do Le Cocq. A coisa que mais surprehende é a rapidez do trabalho de exploração que conseguiu fazer d'aquelle terreno uma bella propriedade apenas em trinta annos. Tem a todo o comprimento uma avenida orlada de eucalyptos, platanos, freixos, etc., todos plantados desde o principio, que é d'um admiravel effeito porque todas estas arvores estão formosissimas. Todas as vezes que vou á Escusa (povoação a uma legua d'aqui) saio sempre da estrada, na volta, para poder gosar a sombra e a presença d'aquella rua que elles consentem que sirva

de passagem a quem quizer. N'uma encosta do monte tem uma pequena floresta de pinheiros e cedros de varias qualidades entre os quaes ha um cedro do Libano que é a arvore mais magestosa que conheço.»

Em breve iremos vêr o que os passeios que a esta hora parecem um simples linitivo ás fadigas da clinica foram para o espirito de Edmundo Machado. Onde julgava apreciar apenas a obra alheia admirando-a, lançava no seu espirito sementes que, por cairem em terreno proprio, um dia haviam de germinar e produzir magnificos fructos.

Mas deixemol-o agora á sua illusão. E' um medico, estuda a medicina, está convencido de que nunca será outra a sua profissão, volta para ahi todos os seus esforços e todos os seus estudos. Ao contemplar as arvores do Prado, julga talvez que são apenas refrigerio ao corpo escandecido e prosegue na sua jornada, fechado este parenthesis de consoladora poesia, a pensar nos seus doentes.



**bibRIA**



V

**E**m tal disposição d'espírito não estranharemos que a sua residencia em Castello de Vide seja breve. Queria saber, estudar, aperfeiçoar-se no conhecimento e na pratica da sua arte. Uma villa tão pequena como aquella que habitava nem podia offerecer-lhe a vastidão e frequência de clinica que são condição obrigada para uma sciencia que é toda de observação e que só na observação póde efficaizmente fundar-se, nem muito menos podia facultar-lhe a actividade de commercio intellectual necessaria para corrigirmos o nosso estudo e comprehensão pelo estudo e pela comprehensão alheia.

Talvez mesmo esta ultima deficiencia pezasse muito mais no animo de Edmundo Machado do que elle mesmo julgava. Quando tanto se enfadava e se contrariava com a incessante intriga politica local, era a falta de correctivos e attenuantes que principalmente aggravava a dolorosa impressão d'este ambiente sobre uma organisação que pedia outros ares e mais puros. As intrigas politicas ou quaesquer outras do mesmo quilate moral são, infelizmente, a con-

dição natural de todas as sociedades estreitas em que a ociosidade degenera habitualmente na perversão do sentimento social. Edmundo Machado não podia ignoral-o, decerto não havia de ignoral-o, na sua lucida intelligencia sempre prescrutadora e attenta a quanto o cercava. O que, sem duvida, mais o fatigava, não eram tanto as enfermidades sociaes que o rodeiavam como a auzencia dos espiritos a par do seu aos quaes pudesse communicar o ardor d'um saber que todos os dias crescia e que aspirava, com legitimo direito, a crescer muito mais. Esta necessidade de expansão mental é uma das mais naturaes e reconhecidas necessidades do estudioso e do pensador. Quando não encontra onde satisfazer-se, soffre; e o soffrimento, tarde ou cedo, o obriga a procurar uma existencia inteiramente conforme ao seu modo de sentir.

Passadas, pois, as primeiras impressões em que a novidade bastava a alimentar-lhe o espirito, Edmundo Machado logo pensa em sair de Castello de Vide. Aproveitando o primeiro ensejo que se lhe deparou, vem estabelecer-se no Porto.

O Porto devia a esse tempo captival-o de uma maneira singular. Estavam ainda muito vivas as recordações da vida escolar; porventura ainda não se tinha apartado d'ellas o bastante para reconhecer que significam relações que não voltam, uma existencia que não se repete.

A vida escolar é feita de alegria, de generosidade e de paixão. A' mocidade do corpo corresponde a mocidade do espirito. O sangue circula abundante nos vasos flacidos e sãos, assim como os sentimentos passam no coração sem attritos nem obstaculos que importem deformações. Ainda a lucta para viver não nos impoz as suas traições, as suas crueldades, a sua mesquinhez inflexivel e satanica, e desconhecemos

esse mundo de mentira, que, se por acaso vagamente o entrevemos, condemnamos com os anathemas que uma consciencia immaculada nos inspira. Então o saber e os casos mais pequeninos da vida, tudo é guiado por aspirações desinteressadas, por uma nobreza d'alma que só quer exaltar-se no amor alheio. Estudamos, porque o estudo é honroso, util aos estranhos, uma gloria do entendimento humano; ainda não sabemos que póde ser tambem um instrumento de vaidade, de oppressão, de riqueza e sordida ganancia. Discutimos pela verdade e para alcançar a verdade, ainda não sabemos discutir astuta e perfidamente, discutir mentindo á propria consciencia para esmagar adversarios e sobre elles erguer o pedestal da nossa fama e fortuna. Luctamos para nos defendermos e ainda mais para defender a justiça, ainda não sabemos luctar pelo triumpho da mentira e da traição.

Tudo isso, porém, é um sonho breve. A realidade é bem differente, e tão dolorosa que a muitos perpetuamente repugna e jámais se resolvem a acceital-a.

Dó que era e dó que é a realidade das sociedades humanas, Edmundo Machado tivera os primeiros indícios na sua passagem por Castello de Vide. Não se convencera todavia de que o mundo fosse intriga e odio, tão profunda era a aversão que esses sentimentos encontravam no seu peito. E voltava ao Porto, alegre na esperança d'uma resurreição que o tempo lhe mostraria ser a maior das illusões. Julgou que vinha encontrar aquelles poucos camaradas que com elle tinham rido e aprendido na escola, julgou que vinha encontrar essa estreitissima sociedade, essa sociedade de excepção, em que a paixão de saber e a largueza moral são o condimento ordinario da actividade quotidiana. Julgou que o estudo, a intelligencia e os escrupulos do dever dariam jus ao respeito,

á fortuna e á tranquillidade. E vinha contente, a fugir d'uma atmospherá empestada e a respirar outras auras mais sadias.

Não podia deixar de sentir conscientemente os triumphos dos seus primeiros passos na arte de curar. E isso animava-o, dava-lhe coragem para proseguir, incitava-o a procurar mais largo exercicio. O Porto devia convir-lhe. Meios de estudo, antigas relações, a intensidade de movimento de ideias que cabe a uma grande cidade, tudo isso o atrahia e lhe deixava esperar que os seus talentos de habilissimo clinico encontrariam allí a mais salutar e completa applicação.

Enganou-se. O Porto não era differente de Castello de Vide, como não é differente das maiores cidades do mundo. Onde quer que seja que os homens se agglomerem, agglomeram-se com elles as suas ruins paixões, o egoismo, a perfidia, as luctas da cubiça e da vaidade. D'essas fermentações malignas erguem-se exalações que provocam a revolta dos mais brandos e desalentam os mais corajosos.

Edmundo Machado fugira de Castello de Vide procurando uma atmospherá intellectual mais luminosa e mais sadias brizas moraes. Não as encontrára ainda.

Batido das maguas e das desillusões, n'um esforço, que seria o derradeiro, volta os olhos para a terra que lhe foi berço. Talvez essa, e só essa, lhe possa dar o alimento que o seu coração tão ardentemente lhe pede.

Em 1889 parte para o estrangeiro e de lá, em 1890, virá estabelecer-se definitivamente em Aveiro.





## VI

**R**ecordemos um facto, a meu ver capital, para a intelligencia da vida de Edmundo Machado.

Edmundo Machado foi creado em Aveiro, aqui nasceu, aqui passou quasi toda a sua juventude, tinha aqui os seus bens, a sua familia e os seus melhores amigos.

Não me atreverei a dizer que José Estevam ou Mendes Leite, tão puras glorias da democracia portugueza, não teriam sido o que foram se não tivessem nascido em Aveiro, mas quero que a privilegiada natureza physica e social d'esta região tivesse na constituição do seu espirito uma influencia poderosa.

Em primeiro lugar, a paysagem. E' unica em todo o paiz, é talvez excepcional na Europa. Tem as transparencias crystalinas do ceu do Mediterraneo e conjunctamente a suavidade e a velada languidez d'uma primavera da Hollanda ou dos recessos abrigados dos mares scandinavos. Tem a vastidão da steppe e os mimos e a frescura dos valles protegidos das montanhas. Suavidade e grandeza — suavidade na luz branda e na doçura do clima que, se exceptuarmos a epoca

dos ventos do mar, desconhece todo o rigor e aspereza, ou seja dos gelos do inverno, ou das calmas do estio; grandeza na amplidão da planície, d'um lado infinitamente aberta sobre o mar, do outro magestosamente cerrada pelas montanhas.

Depois, a vida social. E' muito singular e característico que em Aveiro sejam tão raros os vestígios de casas nobres. Todas estas densissimas povoações que se succedem tão bastas em volta da ria d'Aveiro foram evidentemente creadas em habitos de liberdade e independencia, ignoram aquellas tradições de obediencia e sujeição que, se por um lado perfumam a vida de humildade, por outro produzem frequentemente um servilismo em que a dissimulação e a cobardia tomam o logar d'uma corajosa e salutar verdade.

E finalmente, a riqueza. Quando o povo teve a fortuna de explorar livremente uma mina que gratuitamente lhe dá o valor de algumas centonas de contos de réis por anno, e esta é a significação da ria d'Aveiro para as povoações vizinhas, se por um desastre esses valores não cáem em monopolio de familias ou oligarchias, a sua prosperidade economica está feita. Porque a riqueza induz a trabalhar e, reciprocamente, o trabalho induz a explorar a riqueza, e assim, n'esta acção e reacção dos elementos naturaes e da sociedade humana, o progresso é seguro, contínuo, n'uma proporção crescente.

Edmundo Machado era, pois, o filho d'uma terra rica, independente e bella. Não se soffre o baptismo em taes aguas sem nos deixarem marcados no caracter signaes indeleveis e aspirações insubmissas. Passando por outras terras em que não encontrára eguaes virtudes, mortificado das asperezas da jornada, sentindo faltar-lhe aquella atmospherá vivificante que o creára e que lhe formára o espirito, Edmundo Ma-

chado havia de lembrar-se com uma intensa saudade d'esse ninho que representava na sua imaginação a belleza e a tranquillidade, e necessariamente havia de apetece-l-o com uma violencia que a seu tempo, quando tivesse soado a hora d'um pleno desengano, teria de determinar a sua carreira e as suas ultimas e decisivas resoluções.

Ia a Pariz para estudar medicina, principalmente para praticar em doenças de olhos, das quaes já fizera clinica durante mais d'um anno n'um consultorio do Porto. Conjunctamente estudaria outras doenças, de tudo um pouco, e mais demoradamente partos. Depois, viria estabelecer-se em Aveiro. O seu fim era ainda, a este tempo, a medicina. D'ella contava tirar como até alli os seus recursos economicos; d'ella contava fazer a occupação principal da sua vida. Já novas aspirações vagueavam no seu espirito, mas seriam distracção, quasi um passatempo, embora lhes agourasse magnificos resultados.

Distracção, sem duvida, mas não tão ociosa que não lhe tomasse já uma boa parte dos seus estudos no estrangeiro.

Herdara de seu pae com outros bens marinhas de sal e alguns terrenos salgados na ria de Aveiro. Pensava na melhor maneira de os explorar. Seria um repouso para as fadigas da clinica, uma fonte inexgotavel de observação e de experiencias proprias a alimentar a curiosidade insaciavel do seu espirito, e seria ainda uma empreza de bons resultados economicos, o que mais o alegrava como uma consagração da utilidade pratica da sua obra do que como instrumento da propria riqueza, cuja ambição nunca o cegou e que mais d'uma vez mostrou desprezar, com nobilissima generosidade.

Por isso, enquanto frequentava a clinica dos mestres francezes das sciencias medicas, o seu pen-

samento não se apartava d'esses pedaços de terra que sempre tinha deante dos olhos. Parava em Arcachon para examinar as explorações de ostreiras e viveiros de peixe, em Pariz creava na *Société d'Acclimatation* relações que de muito lhe serviriam e, antes de deixar o estrangeiro, visitára demoradamente os polders da Normandia que estavam destinados a dar-lhe o modelo das suas futuras explorações na ria d'Aveiro.

Depois d'isto, em 1890, regressou a Aveiro e abriu o seu consultorio de doenças d'olhos. Já n'isto se deu um facto que convém registar: abandonava a polyclinica que mezes antes acabára de estudar, abandonava-a com uma insistencia de que os rogos de amigos e interessados em aproveitar os seus conhecimentos não puderam demovel-o. Vendia mesmo todos os instrumentos de cirurgia que não eram d'aquella muito especial a que se consagrava, tão firme e terminante era a sua resolução de nenhum outro uzo fazer dos seus conhecimentos medicos.

Tudo isto parecerá d'uma inconstancia infantil que se recusa a ouvir toda a razão. Mas um dia, que não vem longe, muitos poucos annos depois, veremos que não é inconstancia nem desvairamento, mas antes uma firmeza de proposito bem seguramente julgada pelo desenvolvimento natural e logico do seu pensamento, das suas aptidões e do seu caracter.

Todavia, o consultorio das doenças d'olhos abriu-se. Era a ultima concessão á sua profissão. Simultaneamente, iniciavam-se trabalhos de piscicultura e de lavoura.

E' d'esta epoca um facto que precisamos registar porque, embora sem longa duração nem excepçoes resultados praticos, é um indicador seguro do caracter de Edmundo Machado. Ao mesmo tempo que abria o consultorio ophthalmologico, abria uma escola primaria gratuita nocturna para os operarios e traba-

lhadores que alli quizessem aproveitar os ocios dos seus serões. Note-se que esta escola não durou senão dois annos approxidamente por conta do seu instituidor, mas, sob outra fórma, renasceu e ainda hoje dura, com reconhecida prosperidade e utilidade, como annexa aos cursos nocturnos da *Escola de desenho industrial Fernando Caldeira*.

Não fôra portanto desasizado o pensamento, aliás pouco ruidoso. A experiencia demonstrou-lhe as vantagens. O que porém para o nosso fim principalmente importa fixar, é que Edmundo Machado, desde o principio do seu estabelecimento em Aveiro, se julgou obrigado a consagrar uma parte do producto do seu trabalho a uma obra de utilidade publica. Na ardente generosidade do seu coração, não viu que só as experiencias que por sua conta ia emprehender, constituíam um beneficio publico d'um altissimo valor. Pareceu-lhe pouco; quiz juntar-lhe o sacrificio da sua algibeira que não era rica, porventura quiz sentir mais directamente as obrigações de caridade para que por um continuado exercicio não afrouxassem na sua alma.

Os trabalhos que n'esta epoca emprehende são apparentemente o que se pôde encontrar de mais desconnexo: — quatro ou cinco horas por dia a tratar doentes, a inutilisação d'uma marinha de sal para fazer um viveiro de peixe e culturas de batatas em diversas terras. Se houve quem classificasse de extravagancia este modo de empregar o tempo, não temos de qué nos admirar. Era cedo ainda para lhe comprehender plenamente os intuitos.

Não tarda que o vejamos empenhado n'uma questão de transportes commerciaes, a ligação directa da ria d'Aveiro com a linha ferrea, depois apparece-nos discutindo calorosamente, com uma pasmosa dialectica juridica e muito saber, a situação da propriedade na

ria d'Aveiro, pedindo aos poderes publicos prompto remedio aos males que demonstrava com uma evidencia completa, agora planta vimes e ensina uma nova fórma de cestos, e enquanto revolve as lamas da sua marinha, cavando tanques, erguendo muros, construindo um novo systema de bombas para o abastecimento d'aguas da piscina, logo a par põe outros muros e outras bombas para enxugar uma parte d'essa mesma piscina e crear um polder microscopico. Depois, é o presidente d'esta Associação Commercial e, pondo ao seu serviço todo o seu talento e actividade, serve-a deixando de si immorredoura lembrança e a mais sentida e perpetua gratidão. De repente, resolve deixar a clinica. Rogos e interesses, nada o convence. A sua resolução era formal. Fecha o consultorio, mas tão tenazmente se vê perseguido dos desgraçados que precisavam do seu soccorro que a cada instante lhes abre as suas portas e os thesouros do seu saber. Nem receita nem admittre retribuição. Parece que deixou a clinica só para a exercer gratuitamente. E entretanto foge d'esses instrumentos que tem em volta de si, a que outr'ora quiz tanto e que agora aborrece, para ir para as suas terras observar as lavouras, ou, mais simplesmente, para se encerrar com os livros em longas noites de vigilia, meditando, coordenando e interpretando as suas pacientes observações.

Ao vulgo pôde escapar o que ha de consequente e logico n'esta substituição incessante de occupações, e poderá julgar mal de tanta inquietação. Não pensará egualmente quem reflectir. Para esse, toda essa actividade aparentemente disparatada constitue um lucidissimo desenvolvimento mental tão perfeito e harmonico na sua unidade como bello, captivante e nobre na sua irradiação moral.

A historia, é afinal, singela. Edmundo Machado destinou-se á medicina e foi medico durante cerca de

quinze annos. Possuía alguns bens. Embora não fosse rico, os seus habitos de modestia e simplicidade davam-lhe com os seus poucos bens uma independencia economica e, como as aspirações que lhe subjugavam a alma se reduziã a dividil-a por egual entre a paixão do saber e a de ser util, resolveu abandonar a medicina para se consagrar á lavcura, profissão que melhor satisfazia as tendencias do seu espirito e na qual julgou que mais util poderia ser aos estranhos. D'ahi este caducar progressivo da sua prisão ás artes medicas, passando de polyclinico a especialista e terminando gradualmente por um abandono completo.

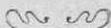
Tinha propriedades na ria e salinas. Queria converter os terrenos alagados em terras de pão, as salinas em viveiros de peixe.

Para organizar a lavoura nos terrenos que enxugasse, precisava determinar as culturas que lhes convinham; e foi d'ahi que vieram os seus estudos de drainagem, de adubos chimicos e da cultura das batatas, uma entre as muitas que queria adoptar. Por lhe parecer a mais vantajosa e porque a encontrou n'um periodo de transformação em novos processos, por isso a estudou mais demoradamente.

Para bem explorar a criação de peixe tornava-se necessario que, não encontrando consumo local, o seu commercio se organisasse de modo a dar-lhe expedição prompta e a todos os respeitos conveniente. Nasceu d'esta necessidade a muita attenção que deu á questão de transportes e ligação da ria com o caminho de ferro.

E finalmente, questão soberana, a primeira condição para entrar n'uma exploração methodica dos terrenos alagados era uma segurança de propriedade que não existia, mantendo os proprietarios da ria guerra permanente com o estado, n'uma disputa de limites que jámais chegavam a determinar-se, entre

as pretensões dos particulares e o zelo oppressor dos empregados do estado. Nada se fixava, nada se podia fazer sem risco d'um mandado proximo ou remoto de demolição. E aqui temos a razão pela qual na lavoura se embaraçavam questões juridicas e o medico se transformou em habilissimo causidico.



# bibRIA



## VII

Um dos primeiros resultados das suas experiencias foi a publicação, em 1893, d'um opusculo intitulado *Breves considerações sobre a cultura intensiva das batatas*. Começava por estas palavras:

«Um professor francez Aimé Girard, um grande chimico e um dos maiores ornamentos do Instituto Agronomico de Pariz, iniciou ha oito annos uma serie notabilissima de trabalhos experimentaes sobre a cultura da batata, a fim de levantar a cifra dos productos em França por fórma a prescindir-se, como na Allemanha, do emprego dos cereaes para a fabricação do alcool.

«Os resultados a que chegou e as estatisticas que tem publicado durante os ultimos tres annos são verdadeiramente portentosos. Não passando ordinariamente as melhores colheitas de 17:000

kilogrammas por hectare, elle conseguiu, primeiramente no seu campo de experiencias, e depois por assim dizer em toda a França por intermedio dos numerosos agricultores que se prestaram a pôr em pratica os seus preceitos, o elevar aquella cifra a 40,45 e mesmo 53 mil kilos por hectare.

«Se fizermos um ligeiro calculo do que serão estes resultados transportados para o nosso paiz, reconhecemos que, operando sobre a cifra de 40 mil kilos, o producto bruto d'esta superficie de terreno, calculado em réis, seja mesmo ao preço nada elevado de duzentos e quarenta réis os 15 kilos, não é inferior á quantia de 639\$840 réis!

«Admittindo, pelo maximo, um dispendio de 220\$000 réis em adubos, lavoura, semente, sacha e arrenda, tratamento da molestia e colheita para obter o referido producto bruto, o que resta liquido é ainda tão consideravel que, póde dizer-se, terrenos de primeira qualidade o não produzem egual n'uma area seis vezes maior.

«De facto, segundo as contas correntes da agricultura entre nós, e seja qual fôr o genero que se cultive, um producto liquido de 70 ou 80 mil réis por hectare é já um maximo que poucas vezes se attinge.»

E depois de descrever methodicamente, com toda a lucidez que lhe era habitual e que constituia um

dos dotes mais notaveis do seu bello espirito, os processos e condições de cultura que conduziam aos resultados indicados por Aimé Girard, resultados confirmados aqui pela propria experiencia, concluia:

« Representar-se-hão destituidas de vantagem as considerações que acima ficam expendidas? Portugal, paiz que dizem agricola, não carecerá no assumpto sujeito de fazer modificações nos seus processos de cultura? Entre nós a abundancia do genero que nos occupa será completamente satisfatoria sob o ponto de vista da economia publica? Considerado como alimento do pobre, o seu preço será baixo bastante para prestar a maior somma de serviços como succedaneo dos cereaes? E por outro lado, a nossa produçãõ de cereaes será de tal maneira grande que não haja necessidade d'este auxiliar? O custo dos cereaes será tão exiguo que não devemos preoccupar-nos com o consumo que d'elles se faz na fabricaçãõ do alcool industrial? Eis uma serie de perguntas a que nos dispensamos de dar resposta: o estado calamitoso do paiz responde a todas ellas *por grosso.* »

Em 1898, um anno approximadamente antes da sua morte, escrevendo sobre os problemas que o preocupavam e eram objecto quasi unico de toda a sua vida, resumiu o que sobre elles a esse tempo pensava. Foi, em certo modo, o testamento das suas investigações.

N'esse documento, considerando a parte mais baixa do districto de Aveiro que é formada pela ria e terrenos adjacentes, julga que a agricultura n'esta região soffre principalmente d'estes males :

« Excessiva divisão da propriedade e discontinuidade das parcellas de terreno que constituem para cada agricultor o seu campo de exploração agricola; o cultivador é na quasi generalidade dos casos ignorante, serve-se de utensilios primitivos, desconhece o valor das rotações de cultura e os mais vulgares principios da chimica do solo e dos adubos, bem como os da boa drainagem.»

Para corrigir estes males propõe:—Que em cada capital de districto se estabeleça, a cargo do agronomo, uma pequena collecção dos instrumentos e apparelhos agricolas da mais reconhecida utilidade e se lhe forneçam, nas estações proprias, pequenas porções de adubos e sementes. Os agronomos fariam as experiencias nos proprios campos dos lavradores que o consentissem, sem que o estado tivesse assim maior despeza, facilitando por este modo a propaganda dos processos de reforma e a adopção de bons adubos, bons amanhos e boas sementes.

— Quanto aos trabalhos de drainagem, quer que o Estado contracte por algum tempo um pratico estrangeiro e o envie para esta região, contratando ao mesmo tempo com o proprietario de qualquer fabrica ceramica a fabricação de tubos, segundo as indicações do dito pratico, para iniciar os trabalhos mediante retribuição dos proprietarios que os quizessem. Isto

apenas temporariamente, para aclimação d'esta nova industria.

— Considerando as circumstancias em que se encontram os terrenos salgados da ria, queixã-se do arbitrio dos funcionarios hydraulicos, de que tem resultado para os proprietarios, vexames e incertezas de limite das suas propriedades, que os impedem de tentar a realisação de melhoramentos,—melhoramentos tão importantes como difficeis.

Estes terrenos, dizia-nos, são todos «desde os mais altos até aos mais baixos, eminentemente proprios para a cultura cerealifera, como o são tambem para a das hervagens permanentes. Não pódem, porém, ter essa applicação sem grandes trabalhos, muito ponderados e muito sabiamente conduzidos, para os isolar das marés, para os desembaraçar do excesso de sal e por ultimo para que fiquem em condições de boa drenagem das aguas da chuva, operações que, embora não sejam novidade, são, na pratica corrente, desconhecidos entre nós. E accresce ainda que a pequena amplitude das marés na ria d'Aveiro difficulta notavelmente a solução do problema, e o Estado, estudando-o e resolvendo-o praticamente prestaria um grande serviço, antecipando de muitas dezenas d'annos o aproveitamento racional d'estas extensas planicies actualmente salgadas.»

Não quer todavia que d'aqui se conclua que todos os terrenos salgados devam consagrar-se á agricultura. Se á industria dos viveiros de peixe se derem as condições de prosperidade de que ella é susceptivel, então a nenhuma outra devem ser consagrados os terrenos baixos que até agora teem sido explorados ou como praias de moliço ou como salinas.

Essas condições de prosperidade da industria dos viveiros de peixe devem subordinar-se a uma ideia dominante: — «fornecer-lhes em quantidade sufficien-

te para seu regular povoamento peixe das especies que a pratica tem demonstrado serem as mais lucrativas pelo rapido crescimento e pelo preço elevado que obtem nos mercados.» E a exploração d'estas especies «só poderá ter logar com a intervenção de processos artificiaes de piscifectura, o que, pelas despezas e difficuldades que acarreta, não pôde nem deve ser esperado da iniciativa particular.»



# bibRIA



## VIII

São breves as conclusões de nove annos de experiencias practicas e aturado estudo; mas quem conhecer quanto a investigação methodica de phenomenos d'uma complexidade que, abrangendo toda a vida natural, se prendem estreitamente á constituição social, quem reflectir, verificará quanta intelligencia e que tenacidade representam esses pensamentos que se resumem em poucas linhas. Então saberá que essa obra de Edmundo Machado, aparentemente tão pequena, foi grande pelo trabalho que custou e ainda mais pelos resultados e consequencias que d'ella derivam.

Ponho de parte os seus trabalhos medicos. Foram notaveis, não pelas descobertas proprias mas pela applicação que soube fazer da sciencia medica. Conheceu-a e praticou-a com consciencia e felicidade. Foi particularmente um cirurgião eximio. Cuidou os casos mais embaraçosos. Aveiro bem o sabe. Com que fortuna! Tinha as qualidades phisicas d'um bom cirurgião, a agudeza de vista, a firmeza de pulso, a

delicadêza de tacto, e uzava-as com tão inteiro conhecimento da sua arte que era maravilha. Era no diagnostico um observador completo. Quem o viu algum dia á cabeceira d'um enfermo, ficou sabendo o que é o exame d'um doente e quanto deve tardar, para o medico consciencioso, uma affirmação, ainda mesmo nas mais pequeninas cousas. Com elle aprendia-se quanto nos dizem os pequeninos symptoms e que poder de intuição é necessario para os pezar e apreciar.

Mas deixemos a medicina, de que elle acabou por se desgostar quasi completamente, e voltemos os olhos para esses outros estudos que foram os da sua eleição e que foram tambem aquelles em que as suas bellas faculdades encontraram a larguissima expansão que naturalmente e avidamente procuravam.

Para nós, esses nove annos de estudo da economia industrial e agricola da ria d'Aveiro reunem-se n'uma grande obra:

1.<sup>o</sup> — Deu-nos plenissima consciencia das nossas forças.

2.<sup>o</sup> — Mostrou-nos o poder de desenvolvimento que n'ellas se contém e os meios pelos quaes esse desenvolvimento póde alcançar-se.

Verificou, enumerou, contou os elementos que se continham n'esta complexa organização de que viviam milhares de vidas. A' sua clara intelligencia não podia escapar, e não escapou, que a primeira condição para bem resolver um problema é enuncial-o lucidamente, e por isso observava, inquiria, cautelosamente, para que nada lhe faltasse, para que nada o transviasse. Depois, bem senhor do estado e das relações presentes, apontava então as soluções possiveis e vantajosas.

Quanto mais não tivesse feito senão a primeira parte do seu trabalho, quando mais não tivesse feito

senão dar-nos plena consciencia d'aquillo que somos, já teria feito uma obra digna do seu nome, da sua virtude e do nosso reconhecimento.

Mas não se contentou com isso. Foi muito além. Indicou onde devíamos perseverar e onde nos cumpria emendar-nos. Viu quanto tínhamos e mostrou-nos quanto somos capazes de adquirir, até que ponto os elementos de riqueza d'esta região são susceptíveis de se desenvolverem pelo mais sabio aproveitamento da sua capacidade. Contou quanto rendia o hectare dos terrenos alagados da nossa ria, confrontou com o que rendiam os terrenos em identicas condições nos paizes mais civilizados, procurou os pontos de contacto e os de differença e, pouco a pouco, pacientemente, foi vendo até onde, em nosso beneficio, essas differenças podiam supprimir-se.

Alguem julgaria ridiculo um homem da capacidade de Edmundo Machado perdendo dias, longos dias consecutivos, adiante d'uns modestos trabalhadores a cultivar batatas. Bem pobre de espirito seria o que assim pensasse! A superioridade de Edmundo Machado consistia exactamente em vêr grandes forças nos pequeninos phenomenos, em saber que minas d'ouro encerrava essa planta vulgar, que pezo poderia ter na transformação da nossa economia agricola. Quadruplicava o rendimento da terra! Dava quatrocentos o que até aqui mal poderia dar cem! Era pouco? E era socialmente uma ociosidade pensar que um paiz que compra pão ao estrangeiro tem a possibilidade de alcançar barato esse outro pão que, na celebre phrase de Parmentier, vinha já feito da terra?!

E essa meia duzia de palmos de terra semeiados de cereaes, no meio de uma marinha, em terrenos que tres annos antes só produziam sal, symbolo da esterilidade, era uma brincadeira de creança ou o ca-

pricho d'um demente? Essa infantilidade ou demencia conduzia a uma simples affirmação:—que os terrenos salgados da nossa ria são eminentemente proprios á cultura do trigo. Quem sabe que extensão de terrenos possuímos e quanto o trigo vale em Portugal, saberá tambem que novas minas d'ouro a paciencia d'um homem bom descobria n'um canto tão estreito como ignorado.

Iriamos bem longe se fossemos a enumerar as suas experiencias. Quiz apenas exemplificar, quiz apenas indicar que valor se encerra n'essas observações exteriormente tão vulgares e mesquinhas. Não insistirei. Quanto outro testemunho não houvesse, a dôr que sentimos pela perda de Edmundo Machado convencer-me-hia de que já para ninguem era duvidosa a importancia dos seus trabalhos que foram talvez recebidos a principio com a estranheza que habitualmente acompanha todos os iniciadores.

Hoje, que vemos a vida de Edmundo Machado n'aquella luz que é propria d'um sentido affastamento, o mais doloroso é pensar não que se ignora o valor dos seus estudos, pois que inteira justiça se lhes faz, mas que esses estudos ficaram, por uma cruel fatalidade, longe do seu termo.

Entre os grandes nomes do seculo XIX ha um de quem o celebre historiador e critico francez Taine não duvidou dizer que foi realmente um homem de genio. Esse homem chamou-se Frederico le Play, estudou profundamente a sciencia social e, notavel pelas suas doutrinas, ficará ainda mais notavel pelo seu methodo de observação e de estudo. Ninguem como elle soube comprehender as relações dos phenomenos naturaes e da constituição social, ninguem como elle nos ensinou a considerar parallelamente os phenomenos moraes e os phenomenos propriamente economicos, ninguem nos ensinou a analysar mais miuda-

mente, sem desagregar, sem perdermos o sentimento da harmonia e do conjuncto.

E esse homem começava a ser um dos mestres de Edmundo Machado. Já conhecia com uma inteira sympathia as suas doutrinas e, quando inteiramente lhe conhecesse o methodo, seria, não posso duvidar, um dos seus illustres discipulos.

Então os seus trabalhos attingiriam a mais perfeita plenitude; muito que ainda lhe causava estranheza, encontraria inteira explicação. Isso que lhe fazia dizer que se era certo «que em parte alguma do paiz existe uma região que se assemelhe á ria, pela importancia das suas riquezas naturaes e pela variedade de explorações de que é susceptivel, é não menos certo tambem que em parte alguma se nos poderá deparar um quadro mais frisante de desperdicio da riqueza publica», essas e outras lamentações do economista haviam de cessar quando as considerasse a uma nova luz, quando seguisse nas suas observações o maravilhoso methodo de Frederico le Play. Porque Edmundo Machado começára por ser um homem de sciencia, estudando as leis naturaes em absoluto, a esse primeiro estudo juntára o do economista, pezando os phenomenos naturaes nas suas consequencias quanto ao volume da riqueza. Faltava-lhe apenas relacionar os valores chrematisticos e os valores moraes, e era a esse ponto que le Play deveria conduzi-lo com uma inteira segurança.

Talvez então os desperdicios, na verdade enormes, da riqueza da nossa ria lhe parecessem um ponto obrigado na evolução das sociedades que a exploram e os reputasse menos nefastos ao termo d'essa evolução do que n'um primeiro exame lhe haviam parecido. Mas um destino avaro não quiz que tivéssemos a fortuna de vêr essa derradeira parte, e a mais alta, do seu pensamento. Não blasphememos pela sua ava-

reza. Já nos havia dado o bastante para nos curvarmos de admiração e para nos encher o peito de gratidão.

Entre tantas benções com que a natureza nos acariciou, não é a menor esta que nos concedeu de termos possuído homens que são como a consciencia da nossa fortuna. Aceitemos este beneficio como nos é dado, humildemente, e não nos turvemos com as aspirações dô irreparavel.

bibRIA



## IX

**N**ão digo bem!... E' talvez porque as nossas aspirações estão plenamente satisfeitas que assim fallo. Se o não foram no tempo, foram-n'o na sua natureza superior. Foram breves no tempo mas inteiras, plenissimas. O que Edmundo Machado deixou de ser pela estreiteza da sua vida é bem pouco, é nada, ao lado d'aquillo que realmente foi. Porque, se as suas obras foram boas, as condições em que as realisou convertem-n'as em qualquer cousa perfeita, completa, que lhes dá um valor que não se afere pelos bens da terra, mas sim pela luz que nos lança no espirito e pelas consolações que na alma nos infunde.

Não era rico nem era um homem vigoroso. Teve condições de enriquecer e de descançar; teve na sua habilidade de clinico meio facil de juntar riquezas que lhe trouxessem longos e repousados ocios. Preferiu a simplicidade e o trabalho, a vida modesta com os seus poucos recursos e um labor incessante do qual para si pouco mais poderia tirar do que o prazer de investigar e descobrir, emquanto, para os ou-

tros, d'esse mesmo trabalho se desentranhavam bens, commodidades e proveito economico.

Se agora, desprendendo-nos dos laços em que a amisade nos envolvia, friamente, á luz da mais severa justiça, consideramos a vida de Edmundo Machado, encontraremos que elle é um bello equilibrio de capacidade intellectual e de aspirações moraes. Os germens que no espirito lhe lançou a educação domestica casaram-se admiravelmente com os dotes de intelligencia que o estudo e a experiencia da vida desenvolveram. O saber não o satisfez enquanto não foi coroado pela virtude.

Foi por isso que procurou Aveiro—a sua terra—, foi porque só aqui encontrava aquella atmosphaera que o coração tão instantemente lhe exigia. Em qualquer parte o trabalho e o saber poderiam satisfazer a sua actividade e a sua intelligencia, tão ávida de penetrar os segredos das cousas; mas só onde essas virtudes podessem traduzir-se em auxilio e beneficio para os estranhos estaria bem, porque só ali seriam aureolados d'um desinteresse que era, no ardor da sua generosidade, a razão suprema da sua existencia.

Parecia mesmo que a sua curiosidade scientifica cessava logo que os outros tinham tirado d'ella o proveito que podiam tirar.

Com a sua pequena fortuna fez milagres. Chegou-lhe para viver e para gastar em observações e experiencias dispendiosas, a que muitos ricos se recusariam, julgando-as, no seu egoismo, insensatas. O amor dava-lhe coragem e multiplicava-lhe os meios de que tantos outros nada saberiam tirar.

Foi, n'uma só palavra, um grande sementeiro, sementeiro da virtude e do saber, que quiz semear na terra em que viu, pela primeira vez, a luz do dia, talvez por um vago sentimento de divida a pagar, de restituição do que ella lhe havia dado, e ao certo pelo

mais puro impulso do coração. Viveu pouco para vêr as ceáras que o seu trabalho creou, mas viveu muito, porque eternamente viverá, para a gratidão d'aquelles que no seu exemplo encontram um pharol que, em meio das tormentas que são o triste apanagio das paixões humanas, os esclarece, guia e conduz a porto seguro, esse da consciencia satisfeita em que a calma é perenne e o sol jámais se empana.

bIBLIARIA

